



abemos com certeza que meio mundo, e grande parte do outro meio (tão grande numero é o dos nossos assignantes!) estão anciosos pelo primeiro *Burlesco* deste anno, e principalmente este desejo é para sabermos o que ha de novo! Ah! vai o que sabemos:

1 de Janeiro. — Bello dia. Festas felizes, meus srs., boas sahidas do maldito 52, e melhores entradas do 53: Esteve um bello dia, e á noite quem poude e quiz, foi ao theatro.

2 de Janeiro. — Bellissima atmospheria. Tres horas depois de nascer o sol, grande formigueiro de frigideiras, e tan-tan-rantan, na Cova da Moura, Beco do Carrasco, Paulistas, Terreiro do Paço. Graça, etc. etc. Brigadas e brigadeiros, tudo convidado para ver o passeio da Estrella!

Depois de bem revistadas todas as barbas, a fim de ver se estavam completamente desbarbadas; ordinario; marche, pela calçada da Estrella, em direcção a S. Bento. Alliestavam a um cantinho os pais da patria, os salvadores das instituições, com os seus ponches, os *um a um*, os filhos do exquisito Rodrigo, em fim essa caldeirada de mexilhões, que nos hade fazer passar bem *más* noutes a 3 por cento. Tudo passa em continencia por baixo da abobeda de lona, e cada um vai para sua casa tratar das bombas, catar as polainas, e jogar o florete com a carne de porco frita, ou outro qualquer bicho proprio da estação!

Muita gente de todas as idades, sexos, e tamanhos, andava espantada por lhe faltar não sei que do usual, que se esperava, e dizia-se que passava, mas não passou!!.....

Tudo correu maravilhosamente bem, divertido, elegante, e em paz; porém a frigideira acabou cedo, á vontade de uns, e com bastante pezar de outros! Cada qual conforma-se com a sorte que Deos lhe destinou; faça o serviço, e queixe-se depois, mas com toda a moderação!

Comtudo a festa não foi totalmente boa! Lá ficou um pobre soldado com a perna, ou pernas partidas, para celebrar o dia, e a materialidade de quem manda um corpo de artilheria descer a rua das Gaivotas, sem ser para tomar de assalto alguma gaivota, que por acaso alli se revolucionasse! Acaso o mocho de 1850 piaria tambem em 1852?

Seja o que fôr, o que se havia de fazer, fez se, melhor ou peor, é indifferente. Isso que não sei o que é, lá está, e está muito bem, e em consequencia de que — Está aberta a tal cousa — e o BURLESCO vai espreitar.



cabou-se finalmente o anno de 1852! Que o leve uma milhão de diabos; não deixa saudades!

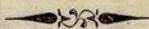
Elle foi-se, mas os redactores do *Burlesco* ficam, e ficarão, ainda que se acabe o mundo, para publicarem o *Burlesco*, unica cousa que não tem fim! Parece incrível!! Antonio de *tomar* não teve força para o matar, o tio Rodrigo tem medo d'elle que se fina, e qualquer caranguejo que tenha de vir depois d'elle, ha-de tremer d'este bicho.

Porém sempre nos fins dos annos ha cousas extraordinarias. Esta que vamos contar é a mais célebre que aconteceu este anno, e talvez em mais dez não se dê segundo caso. E' a seguinte:

Luiz Augusto, a quem o publico alcunha de catavento (aliás sem razão) disse no seu papel — « Estamos firmemente resolvidos a não variar de systema, por mais que lhe desagrade o que seguimos. » — Não se pôde dizer mais em menos palavras! Isto admira, mette medo, e até horrorisa!!.....

Luiz de tal, resolver-se a não variar de systema!! E' um insulto aos cataventos de Lisboa! E' até immoral!! Acreditamos que isto foi engano, ou erro typographico.

Esperamos uma errata para os effeitos convenientes. Porém como o que lá vai, lá vai, não fallemos mais nisso. Lembremo-nos simplesmente, que — está aberta a sessão.



Recebemos a seguinte

CORRESPONDENCIA.

SR. REDACTOR.



Constando-me que em Go n.º 2553 do *Supplemento Burlesco* vem a noticia de me terem procurado umas velhas para me pedirem a consocada, e eu ter-lhes dado em lugar de broas o remedio de 18 de Dezembro, não posso deixar de dar alguns esclarecimentos a tal respeito.

E' verdade todo o expellido no citado numero, e mais facil seria deitar eu o meu ponche á rua, antes do verão, do que negar uma cousa por todos conhecida. Um janota não sabe mentir.

Mas o sr. redactor dizer-me-ha, se não acha acertado o que lhe vou contar.

As viúvas, os orfãos, e toda a mais gente que vivem de rendimentos d'ações, apo-

lices, titulos etc. etc., são pela maior parte bem extravagantes!

Tudo quanto recebem é para gastar, e não coalham vintem!

Em recebendo alguns tostões se tem os sapatos rotos mandam-os logo concertar!

Não se contentam ao jantar com uma sardinha assada para quatro pessoas, ha-de por força ser uma por cabeça!

Não é possível acostumarem-se a viver no meio da rua, e dormirem com uma coberta tão bella como é a nossa lua em quarto crescente; hão-de por força gastar dinheiro superfluentemente em aluguer de casa. não querem dormir sem ser sobre uma rebeca, violeta ou rebecão, e ainda acham pouco, querem por força um cobertor!

Não cedem do malfadado, e escandaloso costume de acenderem lume, e terem uma candeia que gasta na roda do anno alguns quartilhos d'azeite de purgueira, e são tão aristocratas que não podem sahir á rua sem meias ou peugas, cousa desnecessaria por que se não vê, e que quem é do bom tom já não usa semelhante peralvillice!

Além disso o perfido costume de lavarem todos os dias a cara, gastando sem dó nem consciencia a pelle, e estragando agua tão necessaria ás vezes para lavar e tirar nodos em ponches!

Finalmente, sr. redactor, eu conheço alguns juristas, e posso-lhe affiançar de baixo da minha palavra de ponche, que teem a maldade de comprar 10 réis de caffè, e 5 réis de leite para darem de almoçar e jantar a 6 pessoas!

Isto, sr. redactor, é immoral, é vergonhoso, inutil, fossil, aristocrata, e até blasfemia!

E' um estrago, e contra todas as regras da civildade! Além disso, estes maus costumes são um luxo aziatico com que a nação não pôde, e seria um expercicio, se tal se continuasse a conceder, sem graves censuras dos povos, que reconhecem como salutaes, benignas e justas, todas as nossas medidas economicas!

Todas estas considerações, o desejo de evitar costumes retrogradados, abusos perniciosos á sociedade, e usos nocivos á sã moral, é que nos suscitou a idéa de cortar radicalmente pela raiz taes escandalos, que tanto tem contribuido para o estado em que Portugal se achava, quando tratámos regenera-lo!!.....

Sr. redactor, o remedio de 18 de Dezembro põe cobro a todas estas atrocidades! D'ora em diante todos serão economicos, e aprenderão a poupar e juntar dinheiro! Tres por cento, sr. redactor, é uma California em casa de cada jurista, e ainda excessivo, e não um juro rasoavel! Quem tem cem mil réis de papel, receber cada anno tres mil réis, ainda mesmo vivendo

só disso, póde andar de carroagem, ter uma quinta em Collares, e ser assignante de S. Carlos. Parece-me que de cem mil réis, um oitavo por cento ao anno, é muito sufficiente para se viver menos mal, e ter ainda a sua extravagancia. Hei de pensar n'isso para o anno novo!

Terminarei, sr. redactor, dizendo-lhe que é uma injustiça que todos devem censurar, irem juristas aristocraticamente jantar ao barracão, e um janota ir comer

umas sardinhas fritas, ou uma tijella de feijão encarnado á nova Cintra, e ainda por castigo, e para maior vexame, ter que dar expectaculo ao publico, indo por força e contra sua vontade, d'entro d'uma carroagem!.....

Espero, sr. redactor, que a sua muito extrema bondade, não negará dar publicidade a esta minha declaração, para que o publico veja que nem o melhor sapateiro d'obra d'encommenda é capaz de tomar

uma medida tão certa e tão justa. e qu'o freguez, mais soffredor de callos, joanetes e frieiras, deixe d'hora em diante de possuir (n'este caso) todas as comodidades que lhe offerece o

att. ven. e cr.

Antonio Maria.

Officina de Manoel de Jesus Coelho
Rua do Poço dos Negros N.º 54.

ESCOLHIDOS UMA UM PELO TIO RODRIGO



Lith. R. de Esp. 1880